

António Alçada Baptista

## O tempo nas palavras



A neurose das sociedades faz com que certos acontecimentos disparem forças adormecidas nos subterrâneos das suas almas e que afloram à superfície com ódio e raiva. Certos escritores americanos — lembro especialmente William Faulkner — souberam exprimir literariamente esse aflorar do obscuro e do demoníaco, despoletado pelas situações concretas, nomeadamente as que tocam em profundidade os modelos culturais que nos enquadram.

Faço estas considerações a propósito da nomeação de Maria de Lurdes Pintasilgo para Primeiro-Ministro e das perturbações que causou numa sociedade que gostaríamos de ver mais tranquila e serena. A verdade é que toda a carga emotiva, naturalmente inerente a tão polémica nomeação, foi afectada de forma visível pela circunstância de ser mulher. Assistimos, indiferentes, a uma corrida aos paiois culturais que abastecem as nossas subtis lutas caseiras em busca das velhas munições do machismo mais ostensivamente primário para metralhar o terreno com gáudio, boa consciência e sucesso.

Quero confessar que este espectáculo me entristece. Porque, não tenhamos dúvida, nesta nossa sociedade reprimidinha e ajuizada, o grande oprimido é, indiscutivelmente, a mulher e, o que é grave, essa situação é um reflexo e um aspecto da grande e escandalosa exploração em que se processa a "produção" do amor em Portugal. Um dia, que um acaso fasto nos dê acesso a um pouco mais de saúde mental e ética e a um sentido da liberdade que por aqui inteiramente se desconhece, poderemos tomar consciência de que a situação dos prole-

tários de Freud é bem mais dura e deprimente que a dos proletários de Marx. Como tudo isto veio ao de cima à volta do ataque a esta nomeação, dá para escançar os olhos dos que quiserem ver.

Tenho pela Maria de Lurdes Pintasilgo uma relação de irmão. Irmão que fica enternecido e embevecido com a agilidade da sua inteligência e do seu saber, acrescida duma capacidade de entrega e entusiasmo aos outros que me faz lembrar a generosidade de certas vocações que, noutros tempos, não salvaram o mundo, mas deram, aos que estavam à sua volta, um pouco mais de amor e tiraram dos seus ombros algum sofrimento. E, quando falamos sobre a vida, se as nossas sintonias são, algumas vezes, evidentes, separa-nos depois o que pode separar a visão dum crente, constantemente nostálgico da descrença, doutro crente para quem a dúvida talvez se esclareça na acção.

Quem acredita na acção imediata, com reflexos imediatos nos módulos duma comunidade, terá necessariamente a tentação da política e a consciência de que o Poder é ainda o grande e eficaz instrumento de alteração do mundo. Porém, o Poder, mesmo quando tem mais de cem dias, e ainda curto e médio prazo e um projecto de sociedade que modifique profundamente os ritmos da nossa incomodidade, não tem nada que ver com o Poder. Virar do avesso as torpezas da nossa vida quotidiana não é tarefa a fazer por decreto-lei.

Com a minha solidariedade pessoal à Maria de Lurdes Pintasilgo e com uma activa repulsa a todos os ataques com que, como pessoa e mulher, tem sido alvo, quero

também aqui deixar bem claro que, à minha vista desarmada, o Presidente da República introduziu, nesta nomeação, uma dose de irresponsabilidade que poderia ter graves consequências, se este meu doce país não estivesse já habituado a nada ter consequências nenhuma. A preparação de eleições, a estrutura e conteúdo dum governo de gestão parece que não poderiam justificar a nomeação, não duma personalidade rica e determinada como ela, mas que assumiu, frontal e corajosamente, opções que não a podem deixar limitada ao despacho dos assuntos correntes, num contexto político e económico que aguarda eleições para tomar grandes decisões. Se o futuro me desvendar alguma razão que agora me escapa e que justifique esta decisão, não me custa vir confessar o meu engano. Até lá acho que com isto se prestou um mau serviço à Maria de Lurdes Pintasilgo — que eu sei que lhe é indiferente: ela é daquelas pessoas a quem considerações de carreira, sobretudo de carreira política, nada valem perante o que julga um dever a cumprir — mas pergunto-me se, nas circunstâncias presentes, foi esta a melhor maneira de servir o país.

De qualquer modo, o governo vai seguir. Eu sei que a luta política é implacável e que ela introduziu, na sua específica e redutora dialéctica, elementos inacessíveis à nuance, à complexidade, quicá à contribuição de sentimentos que têm que ver com singularidades como a nobreza e a honra. No meio dessa selva inevitável gostaria que, pelo menos alguns, tivessem presente que enfrentam um governo dirigido por alguém para quem a nossa relação com os outros tem um conteúdo moral exigente e que, por isso, mesmo quando não merece o nosso acordo, nos impõe, sempre, o nosso respeito.